

# EDUCAÇÃO; CURRÍCULO; EMANCIPAÇÃO um olhar sobre a EJA.

**Maria da Conceição Ferreira de Souza- MPEJA<sup>1</sup>**

[cefesouza@hotmail.com](mailto:cefesouza@hotmail.com)

**Tula Ornellas- MPEJA<sup>2</sup>**

[tulaibes@yahoo.com.br](mailto:tulaibes@yahoo.com.br)

**Vânia Pessoa J. B. Santos- MPEJA<sup>3</sup>**

[nanapessot@hotmail.com](mailto:nanapessot@hotmail.com)

## RESUMO

A luz se apaga e a lente da projeção vai descortinando imagens, revelando sons, propagando atos e histórias que vão dando vida a sujeitos ocultos. E no ato de transformar lixo em arte vão se reconstituindo, reinventando, revelando e velando as suas muitas possibilidades de existir e do fazer humano nesse indelével ato de emancipação. O presente trabalho versa suas linhas e o seu olhar sobre Educação de Jovens e Adultos. Tomando como referência o princípio educativo da experiência e da emancipação, bem como a teoria crítica do currículo sob a luz do documentário Lixo Extraordinário que revela a obra do artista plástico Vik Muniz. Este artigo propõe discutir e analisar a partir do documentário, uma forma de currículo que possibilite a emancipação do sujeito aprendiz nas classes de EJA, através de um processo educacional que partindo das suas realidades. Entenda que as necessidades de sobrevivência, suplantam às da escola a partir da interação destes sujeitos com a realidade. Lembrando que a origem das mudanças que ocorrem no homem, ao longo do seu desenvolvimento, está, segundo seus princípios, na sociedade, na cultura e na sua história.

**Palavras- chave:** Currículo; Educação; EJA; Emancipação.

## ABSTRACT

The light goes off and the lens of the projection images will unveiling, revealing sounds, acts and propagating stories that will give life to occult subjects. And in the act of turning garbage into art will be reconstructing, reinventing, revealing and veiling its many possibilities exist and the human do this indelible act of emancipation. This work will reflect your lines and your eye on the Youth and Adult Education. Taking as reference the educational experience and the principle of emancipation, and the critical theory of the curriculum in the light of the documentary Waste Land reveals that the work of artist Vik Muniz. This article aims to discuss and analyze from the documentary, a form of curriculum that enables the empowerment of the learner in the subject classes EJA, through an educational process that, starting from their realities. Understand the needs of survival, supplant the school from the interaction of these subjects with reality. Recalling that the source of the changes that occur in man, throughout its development, is, according to its principles, society, culture and history.

**Key words:** Curriculum; education; EJA; Emancipation.

---

<sup>1</sup> Graduada em Letras Vernáculas –UNEB . Especialista em Psicopedagogia Institucional – UCB . Mestranda do Mestrado de Educação de Jovens e Adultos – MPEJA -UNEB. Formadora dos Coordenadores da SeMEC –Jacobina -BA

<sup>2</sup> Possui Graduação em Turismo pela Faculdade de Turismo da Bahia e Graduação em Psicologia pela Faculdade da Cidade do Salvador, é Especialista em Metodologia do Ensino Superior, tem MBA em Gestão Ambiental e está cursando Mestrado Profissional em Educação de Jovens e Adultos na Universidade do Estado da Bahia - UNEB. Atualmente é professora auxiliar efetiva da Universidade do Estado da Bahia - UNEB no Departamento de Ciências Humanas - DCH, Campus I - Salvador

<sup>3</sup> Pedagoga. Especialista em Pedagogia Organizacional. Psicopedagoga. Atualmente Coordenadora Municipal da Prefeitura Municipal de Lauro de Freitas. Diretora do Departamento Pedagógico do Município de Lauro de Freitas. Mestranda do Mestrado em Educação de Jovens em Adultos - MPEJA – UNEB

## **1. Introdução**

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) no Brasil é um campo marcado historicamente, por ações fragmentadas e descontínuas, caracterizadas mais por “ausências” e por aspectos negativos que reforçam a marginalidade e invisibilidade dessa prática educativa do que por aspectos positivos. Considerar as particularidades que se configuram nas práticas de EJA em contextos de escolarização que tem como cerne o cânone da escola regular com seus tempos, espaços e currículos rigidamente delimitados, possibilidade de tessituras de práticas educativas emancipatórias para além das forças reguladoras das normas. Constituiu-se como questão central do presente trabalho, que é fruto das reflexões empreendidas na disciplina de Currículo, ministrado pelo professor Dr. Roberto Sidinei no programa de Mestrado Profissional de Educação de Jovens e Adultos –MPEJA da UNEB, quando tivemos a oportunidade de assistir a um documentário “Lixo Extraordinário” sob a direção de Lucy Walker e discutimos a possibilidade de um currículo que promova a emancipação dos alunos aprendente das classes de EJA.

Durante muito tempo, a questão da seleção e organização dos conteúdos escolares foi tratada do ponto de vista exclusivamente técnico. À escola atribuía-se a função de transmissão do saber acumulado historicamente, cientificamente organizado, considerando aspectos lógicos e psicológicos tendo como pressuposto que uma formação teórica sólida garante uma prática consequente. A lógica subjacente a essa abordagem é a de que a teoria é guia da ação, caracterizando-se a separação entre a teoria e a prática. Fato característico na pedagogia tradicional, onde o aluno é mero personagem no processo de ensino-aprendizagem. Nesta tendência vê-se uma falta de mobilidade do currículo, onde o professor simplesmente repassa conteúdos previamente programados e massificados, sem analisar sua importância e necessidade no contexto social em que está inserido.

Na Pedagogia Tradicional, a escola é vista como principal fonte de informação, de transformação cultural e ideológica das massas, respondendo aos interesses da burguesia como classe dominante. O Programa Educacional é extremamente rígido, contendo uma grande quantidade de informações, tratadas de forma descontextualizada e desconexa, visando a memorização e não a aprendizagem em si.

Refletindo sobre esse modelo educacional ainda muito utilizado, o presente trabalho versa suas linhas e o seu olhar sobre Educação de Jovens e Adultos. Tomando

como referência os princípios educativos da experiência, da autonomia, da emancipação e da relação com o trabalho, bem como, a teoria crítica do currículo.

Este artigo busca discutir e analisar o documentário, “Lixo Extraordinário”, como forma de currículo que possibilita a emancipação do sujeito aprendiz nas classes de EJA partindo das suas realidades, e entenda que as necessidades de sobrevivência suplantam às da escola através da interação destes sujeitos com a mesma. Lembrando também, que a origem das mudanças que ocorrem no homem, ao longo do seu desenvolvimento, está, segundo seus princípios, na sociedade, na cultura e na sua história. Porque nosso desejo de mudança nasce da nossa insatisfação com a realidade existente e da necessidade de transformá-la. Os desejos de mudanças são calcados nos princípios pessoais e coletivos e são construídos a partir de experiências passadas, das condições atuais de vida e dos sonhos para o futuro. Para Freire (2000) é certo que “homens e mulheres podem mudar o mundo para melhor, para fazê-lo menos injusto, mas a partir da realidade concreta a que chegam em sua geração” (p. 53).

Este trabalho está organizado em quatro seções. Na primeira, trazemos um breve contextualização do documentário “Lixo Extraordinário”. Na segunda seção, refletimos sobre a educação na perspectiva freireana. Na terceira, nos propomos a repensar o currículo da EJA. Na quarta seção tratamos da emancipação norteando o ensino da EJA e por fim as considerações finais.

## **2. Breve contextualização do documentário - “Lixo Extraordinário”**

O documentário “Lixo Extraordinário” retrata um trabalho do artista plástico Vik Muniz e seu envolvimento com catadores do lixão de Jardim Gramacho – RJ. Vik realiza obras de arte com ajuda dos catadores, utilizando os materiais encontrados no lixão para formar imagens incríveis dos trabalhadores locais, transformando suas vidas. Além da criatividade e beleza das obras, o documentário apresenta a realidade de pessoas que vivem em condições críticas de pobreza e saneamento, e também no problema ambiental da disposição de resíduos sólidos.

Brasileiro e reconhecido mundialmente, o artista Vik Muniz já foi pobre e viveu em um bairro de classe média baixa em São Paulo. Conseguiu dinheiro por causa de um acidente e foi para os Estados Unidos, assim começou com trabalhos simples e conseguiu sucesso com suas obras artísticas. É reconhecido por incorporar “ (...) objetos

do cotidiano no processo fotográfico para criar imagens ousadas e geralmente enganosas.”

Vik se interessou pelo lixão de Gramacho por ser o maior do mundo em recebimento diário (2007), com o objetivo de mudar a vida das pessoas através da arte derivada de materiais do cotidiano delas. A expectativa do artista antes da visita em relação aos catadores era um tanto preconceituosa, “Devem ser as pessoas mais rudes em que possamos pensar. São viciados... É o fim da linha. Dê uma olhada na geografia da área(...). É pra onde vai tudo que não é bom. Incluindo as pessoas(...)”. Chegando ao aterro Jardim Gramacho, Vik e seu companheiro Fábio são recebidos pelo administrador do aterro. Um dado interessante fornecido por ele era a retirada de 200 toneladas por dia de materiais recicláveis efetuadas pelos catadores, isso representa a falta de comprometimento da população e do governo quanto à coleta seletiva.

As dimensões do aterro e a quantidade de lixo são enormes. Todo resíduo em putrefação fica exposto e as pessoas dividem espaço com incontáveis urubus. A estrutura irregular na disposição de lixo é notável, a falta de procedimentos de segurança e proteção ambiental é característica de um lixão, diferente de um aterro sanitário que possui impermeabilização contra contaminações, cobertura vegetal e escapes de gás metano. Isso demonstra uma falha no gerenciamento de resíduos de uma grande cidade, que pode ser corrigida com uma boa gestão urbana. Além dessa problemática, as condições de trabalho dos catadores são evidentemente desprezíveis, possuem contato direto aos diversos resíduos gerados por 70% do Rio de Janeiro, isso inclui altos riscos de contaminação e susceptibilidade a diversos tipos de doenças.

Vik se surpreende com o bom humor dos catadores face à realidade vivida por eles a cada dia. Dois personagens se destacam são: Zumbi, vítima de um acidente no lixão; e Tião, presidente da Associação de Catadores do Jardim Gramacho, ambos possui o hábito da leitura e apresentam caráter de liderança e superação. A história de vida de cada pessoa do aterro impressiona pela emoção transmitida nos depoimentos, transformando a falsa impressão de Vik antes da visita. Valter, o vice-presidente da Associação salienta dos prejuízos causados pela ausência da coleta seletiva nas residências e no consumo excedente que aumenta a quantidade de resíduos destinados ao aterro. As filmagens ultrapassam o limite do lixão, mostrando a moradia dos catadores também. Suellem, uma das mulheres escolhidas por Vik, apresenta sua casa no Jardim Gramacho. Condições mínimas de saneamento básico são ausentes nas moradias construídas de madeira, e a higiene e conforto são precários. A combinação entre

instalação de um aterro irregular e alto índice de pessoas pobres precisando de trabalho levam ao surgimento de comunidades adjuntas ao lixão, já que a fonte de dinheiro vem da coleta de recicláveis em Gramacho. A falta de planejamento e a acelerada ocupação irregular resultam em moradias irregulares e situações miseráveis de sobrevivência.

As imagens para o trabalho artístico foram obtidas por Vik através de uma câmera fotográfica, capturando diferentes perfis dos catadores de Gramacho. Em sua oficina ele observa as fotos obtidas no aterro e escolhe as pessoas que vão trabalhar em suas obras. Ao convocá-los para o início do trabalho, Vik esclarece seu objetivo, e como as fotografias seriam transformadas em imagens sensacionais, constituídas apenas por resíduos. Durante o período de realização das obras, Tião relata um assalto armado ocorrido na cooperativa, ocasionando uma perda de R\$12.000,00. Isso reforça a ideia da insegurança e perigo nas comunidades mais pobres, e a ausência da polícia nesses locais. Após trabalhar durante um bom período com os personagens do aterro, os artistas notaram um impacto na mudança de rotina drástica, passando do dia-a-dia no fétido lixão para um novo trabalho relacionado à arte, despertando novas ambições aos ex-catadores. O reconhecimento profissional de Vik garantiu uma vaga para uma de suas obras em um leilão de Londres, aumentando as expectativas no bom retorno financeiro e, conseqüentemente social, proporcionado pelo tempo dedicado no jardim Gramacho. A decisão de levar uma pessoa simples e humilde para outro ambiente completamente diferente e encantador como Londres, causou questionamento em certo momento do documentário. A mudança drástica de ambiente e os sonhos almejados pelos personagens de Gramacho poderiam causar constrangimento futuro a essas pessoas? O artista de maneira otimista tentou visualizar os pontos positivos gerados pela sua interferência na vida deles, ocasionados por uma oportunidade raríssima de aprendizado independentemente da frustração futura que isso pode gerar. O quadro com a imagem de Tião composta apenas por resíduos é finalmente exposta em uma galeria em Londres, é seu primeiro contato com arte moderna, proporcionando-lhe novos conhecimentos a respeito do assunto.

A obra “Marat, Sebastião: Retratos do Lixo” é arrematada por 28 mil libras, equivalente a R\$ 100.00 na época, causando elevada exaltação e emoção a Tião e seus companheiros de trabalho. Em seguida todos os envolvidos nas obras são convidados a uma exposição de Vik Muniz, no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro. A desigualdade social é evidente nessas cenas, onde pessoas que nunca tiveram acesso a museus de arte se tornam autores de obras apreciadas por outras classes sociais.

Ao final do documentário, o autor principal visita seus colaboradores, presenteando-os com seus quadros. As reproduções de “Retratos do Lixo” realizadas por Vik Muniz renderam mais de 250 mil dólares. Como retorno para a Associação dos Catadores do Jardim Gramacho, foi comprado um caminhão, inaugurado um centro de ensino e uma biblioteca com 15 computadores. Todos os catadores envolvidos na exposição mudaram suas vidas, alguns melhoraram suas condições, outros apenas abandonaram o lixão, mas todos foram influenciados de uma forma ou de outra por uma experiência única. Além do benefício financeiro, nota-se o aprendizado não somente dos catadores, mas também de Vik. Após a convivência com todas essas pessoas, o artista certamente agregou novos valores a respeito da comunidade do jardim Gramacho. O tema principal abordado pelo documentário foi a relação da arte com a vida de pessoas humildes, focando na dificuldade e nas condições de vida tocante do cotidiano delas. Além do enfoque chocante na vida dos catadores, que não deixa de ser importante na sensibilização do telespectador, o documentário deixa de apresentar realidades em relação ao prejuízo causado ao meio ambiente e na possível solução de problemas de saneamento e saúde das pessoas. A temática “lixo” vai muito além da coleta seletiva e da educação ambiental. Um planejamento urbano é essencial para estruturação do saneamento básico principalmente em uma cidade em processo de urbanização. A coleta, transporte e disposição adequada de resíduos sólidos são totalmente contrárias ao apresentado no filme, começando pelo acesso direto de pessoas ao maciço de resíduos. Esses detalhes poderiam ser muito mais enfatizados com o objetivo de pressionar as autoridades e conseguir mudanças positivas em Gramacho. Apesar disso, a abordagem geral o documentário gera resultados positivos na temática socioambiental, traz o assunto da geração excessiva de resíduos e a reciclagem, e também reflete a desigualdade social e condições absurdas de vida causadas pela urbanização.

### **3.Educação na perspectiva freireana**

A educação ajuda a pensar tipos de homens, mais do que isso, ela ajuda a criá-los, através de passar uns para os outros o saber que o constitui e legitima. Produz o conjunto de crenças e ideias, de qualificações e especialidades que envolvem as trocas de símbolos, bens e poderes que, em conjunto constroem tipos de sociedades (BRANDÃO, 1993, p. 11).

Para Freire educar é acima de tudo construir, libertando o homem do determinismo histórico que o desconhecimento impõe. O conhecimento não adviria do ato de doação, ele se realizaria no contato do homem com o mundo vivenciado, sendo este, uma ação dinâmica, e, portanto, transformado continuamente. Freire afirma que o conhecimento que vem da criticidade e é obtido de forma autêntica e reflexiva possibilitando ao homem transformar o mundo, pois estes se descobrem como seres históricos.

“A educação aparece sempre que surgem formas sociais de condução e controle da aventura de ensinar-e-aprender. O ensino formal é o momento em que a educação se sujeita à pedagogia (a teoria da educação); cria situações próprias para o seu exercício, produz os seus métodos, estabelece suas regras e tempos, e constitui executores especializados. É quando aparecem a escola, o aluno e o professor” (BRANDÃO, 1993,p.26) .

Freire (1980) explicita que ler vai além da pura decifração de códigos, da repetição de palavras, mas sim, possibilitar ao alfabetizando em momento próprio, saber dizer a sua própria palavra. Mas na escola formal organizam-se currículos conteúdos impregnados de ideias que, para se aprender é preciso decifrar códigos; nesta visão educar e aprender é uma questão de codificação indo de encontro ao que Freire preconizava, que educar é despertar para a criticidade, é mostrar aos homens e mulheres que eles são importantes, que eles sabem que sabem, que podem, que suas ideias são importantes, que a construção do mundo é formado por cada um e por todos.

Dessa forma, educar também é preocupar-se com o saber e o fazer; teoria e prática, e a relação dicotômica de ambos, pois, nas relações diárias o homem descobre que sua prática supõe um saber, e ao concluir que sabe, ele intervém na realidade através da percepção de si como sujeito da sua própria história. Freire visualiza a educação repleta de esperança, por isso, nomeou-a de Pedagogia da Esperança. Pois, a educação pode mudar a realidade, mas Freire explica:

(...) que saibamos que, sem certas qualidades ou virtudes como amorosidade, respeito aos outros, tolerância, humildade, gosto pela alegria, gosto pela vida, abertura ao novo, disponibilidade à mudança, persistência na luta, recusa aos fatalismos(...) abertura à justiça, não é possível a prática pedagógico-progressista, que não se faz apenas com ciência e técnica (FREIRE,1997,p. 136).

Comungando do pensamento freireano, no documentário o processo de escuta das experiências, dos fazeres e hábitos dos catadores são uma imensurável fonte de criação para obras de arte, e estes sujeitos passam a ser modelos e sua própria

realidade fonte de conhecimento e inspiração para que Vick possa então em conjunto com os catadores realizar suas obras de arte, utilizando os materiais encontrados no lixão, os saberes acumulados acerca dos materiais para formar imagens incríveis dos trabalhadores locais, transformando suas vidas em arte e assim como a fenomenologia anuncia permitindo a estes sujeitos novos olhares de sua própria realidade.

É, portanto, da riqueza dos seus saberes, acerca de seu contexto, de que devemos partir, para o desenvolvimento do processo de alfabetização, numa permanente relação dialógica entre o saber popular e o saber sistemático. Daí a importância da pesquisa sócio-antropológica para tal desdobramento, através da qual tomaremos dimensão da dinâmica política, econômica, social, cultural e religiosa na qual os(as) alfabetizadores(as) e alfabetizados(as) estão inseridos. É dela que emerge o tema gerador o qual possibilitará uma problematização acerca das temáticas levantadas de forma interdisciplinar.

Isso irá nos possibilitar, de forma consistente, desenvolver o que Freire denomina de leitura de mundo, como práxis pedagógica para a superação da consciência ingênua do(a) alfabetizando(a) para a construção de uma consciência crítica a despeito de sua realidade. Razão pela qual, Freire recusa toda e qualquer prática pedagógica pragmático-tecnicista, a qual entende a leitura e a escrita como um fim em si mesmo, isto é, descontextualizadas da dinâmica da sociedade. O processo de apropriação da leitura e da escrita dá-se inerentemente nesta dinâmica, porque a estrutura linguística do(a) alfabetizando(a) é um fenômeno sócio-cultural e político com dimensão ideológica.

#### **4. Repensando o currículo na EJA**

Na tentativa de delinear um conceito de currículo fez-se necessário entender como se constitui esse conceito, como ele vem sendo construído e pensado no decorrer do tempo. Godson (1998) traz que o currículo é uma tradição inventada. Beticelli (199, p.162) elucida que é a partir do ano de 1920 que se passa a ter uma orientação sobre a problemática do currículo sendo, portanto só a partir da segunda guerra mundial que passam a surgir suas primeiras formulações.

Silva (1999, p.21) aponta que a emergência do currículo como campo de estudo está estritamente ligado a formação de um corpo de especialistas sobre currículo, a

formação de disciplinas e departamentos universitários, a institucionalização de setores especializados sobre currículo na burocracia educacional do estado e o surgimento de revistas especializadas. Fatos estes que demonstravam a urgência de se conceituar a palavra currículo que se mostrava cada vez mais ligada a organização das experiências educativas.

Kemmis (1998, p.14) lança luz sobre o currículo como sendo um terreno prático, socialmente construído, historicamente formado e que não se reduz a problemática de aplicação a saberes especializados e desenvolvidos por outras disciplinas, mas sim, que possui um corpo disciplinar próprio, a este pensamento Pacheco (1996, p.24) soma a ideia que o conhecimento curricular se situa e se constitui em um corpo disciplinar próprio que está no âmbito teórico e prático do conhecimento educativo.

Assim posto, essas reflexões iniciais é preciso pensar o que representa o currículo para a nossa vida, somos nós que produzimos atos de currículo em sala de aula. Que currículo são mais adequados para determinadas atividades formativas, o que é isso que chamamos de currículo?

É preciso dizer que grade curricular é um conceito que não mais se sustenta e não pode ser reduzido a áreas de saberes. Logo, os currículos estão na sala de aula, nos debates, nos projetos políticos pedagógicos, estão nos atos de currículo, dito desta maneira uma questão emerge o currículo é uma invenção pedagógica?

Macedo(2013) em uma de suas aulas no elucida que currículo é o conjunto de conhecimento e atividades eleitos como formativos. Assim novas questões emergem qual conhecimento vai formar nossos estudantes? É preciso nos importar com os documentos, como eles estão acontecendo em sala de aula, como estão acontecendo os seminários. O professor é um texto singular o ator curricular, incomparável e que não pode ser substituído por nada.

Toda vez que o ator curricular pensa em currículo ele está pensando na formação do outro. O currículo de EJA é uma cópia do imaginário do que Paulo Freire propunha, é uma psicologia do desenvolvimento que elege algumas categorias como experiência: Para Paulo Freire a emancipação era a perspectiva curricular, política, cultural. O trabalho proposto por Paulo Freire é o trabalho com a experiência do outro sobre sua projeção.

Se currículo é o conhecimento que forma, ele também pode ser o caminho que emancipa logo interessa ao Estado regular esse currículo, mas os segmentos sociais também estão extremamente interessados, os negros, índios, mulheres criam um

conjunto de ações para serem contemplados como atores sociais; a sociedade está interessada no currículo buscando entender sobre que perspectiva está sendo considerado o ato formativo, pois o que pode ser formativo para mim pode não ser formativo para você. O formativo é o que é valorado, pois nem sempre toda aprendizagem é boa, e se é boa é boa pra quem? Currículo é uma invenção pedagógica que ajuda as organizações e sistematiza o conjunto de conhecimento, saberes e atividades. Em termos de regulação legitimada pelo estado, muitas vezes o currículo está prescrito, embora muitas vezes nos espaços de sala de aula é possível customizar, trair (denotamos o jogo do outro) transgredir e criar fazendo aquilo que ainda não é nos atos de currículos, o currículo prescrito, desde que seja uma transgressão construída responsabilmente.

Importa refletir que no mundo contemporâneo, momento em que o mundo se reformula com as conquistas, uma volta ao passado no faz lembrar que o poder naquela época era a matéria prima, a manufatura dava o poder, os países industrializados eram quem detinham o poder. Hoje, o poder se reveste sobre uma nova lógica, quem tem poder é aquele que produz, socializa e estoca o conhecimento e se currículo produz conhecimento, logo, o estado quer regular isso e devido a essa contextualização é que o currículo se tornou algo tão importante.

E por isso que os índios estão lutando para criarem suas próprias diretrizes curriculares. Nunca na história da humanidade tantas pessoas estão sendo escolarizadas, estão tendo suas cabeças feitas pelo currículo regularmente institucionalizado.

Para uma aproximação do conceito de currículo, precisamos refletir sobre as organizações educacionais e sua definição de currículo que define o mesmo como um conjunto de conhecimentos escolhidos para a formação. Portanto, a centralidade do currículo estaria posta no conhecimento legitimado como formativo. Aqui começa sua importância e complexidade política e pedagógica do currículo.

Assim, o senso comum educacional entenderia o currículo como um documento (a grade) onde se expressa e se organiza a formação o arranjo, o desenho organizado dos conhecimentos, métodos e atividade em disciplinas, matérias ou áreas, competências etc. Currículo assim entendido transforma-se em um artefato burocrático pré-escrito.

Segundo Macedo(2013) o que a escola chama de currículo seriam os atos de currículos; então o currículo não é a gestão, a didática, a lista de conteúdos estes seriam os hábitos de currículos. Os atos do currículo só acontecem se formativo e estes geram os hábitos sendo o conjunto de conhecimentos eleitos como formativos organizados

para formar. Macedo (2002) compreende o currículo, como um complexo cultural tecido por relações ideologicamente organizadas e orientadas que nasce como tradição pedagógica inventada e se configura nas ações de conceber, selecionar, produzir, organizar, institucionalizar, implementar, dinamizar conhecimentos visando dada formação.

Cabe, pois refletir que na maioria dos cotidianos pedagógicos o currículo é compreendido como um documento e Macedo (2011) aponta que este muitas vezes é tido como sendo um “artefato burocrático prescrito”, que foi pensado por especialistas para serem aplicados por outras pessoas. Fica a ideia no fazer pedagógico de que o currículo é intocável, é visto como único e homogêneo o qual não se permite realizar intercâmbios com outros processos educacionais.

Portanto, para modificar essa realidade, precisamos compreender o currículo como “uma construção social, histórica, com processos de interesses formativos, e ao mesmo tempo, de consciência política”. Para então, nos sentirmos dentro de um processo dinâmico, reflexivo no qual podemos atualizá-lo ou “customizá-lo” com o objetivo de atendermos os interesses educacionais ou não.

## **5. A emancipação norteando o ensino da EJA**

Para analisar de forma prática o conceito de emancipação, vamos trazer inicialmente um pensamento de Milton Santos em que o autor acredita que ninguém emancipa ninguém. A emancipação é uma questão relacional é nas relações que vai perceber se está havendo a emancipação. Daí a importância de se pensar na EJA um currículo de possibilidades emancipacionistas em vez de um currículo emancipador, como bem nos alerta Macedo em suas aulas de currículo. Pois é preciso ter a clareza que toda vez que agente imagina em pensar o outro nós corremos um grande perigo de pensar contra eles. Nesta perspectiva Freire (1978, p.44) nos chama a atenção que a pedagogia do oprimido, como pedagogia humanista e libertadora, terá dois momentos distintos: o primeiro, em que os oprimidos vão desvelando o mundo da opressão e vão comprometendo-se na práxis, com a sua transformação; o segundo, em que, transformada a realidade opressora, esta pedagogia deixa de ser do oprimido e passa a ser a pedagogia dos homens em processo de permanente libertação.

Assim posto no documentário Lixo Extraordinário, Vik Muniz retrata o trabalho desenvolvido com os catadores do lixão de Jardim Gramacho. O artista parte da

pesquisa empírica. Importa lembrar que a pesquisa empírica é o modo de fazer pesquisa por meio de um objeto localizado dentro de um recorte do espaço social. Além de implicar num recorte da totalidade social, a pesquisa empírica está centrada na escolha de aspectos das relações entre sujeitos. Assim, pesquisa empírica lida com processos de interação face-a-face, isto é, o pesquisador não pode elaborar a pesquisa em “laboratório” ou em uma biblioteca – isolado e apenas com livros à sua volta.

Imerso neste contexto, o filme *Lixo Extraordinário* trata muito bem disso quando Vick dialoga com os seus parceiros em determinado trecho do documentário, como era delicada a situação de emancipação, eles questionavam-se se podiam mostrar um mundo novo? Sobre os perigos desta ação? Vick reflete que sabia que podia fazer o trabalho, mas não sabia que se envolveria como acabou se envolvendo, e conclui que era impossível não se envolver. Mas que caberia a eles fazer a pergunta: Gostariam de sair do lixo por duas semanas e trabalhar em um estúdio e ir ao exterior e depois voltar ao lixo. Caberia a eles a escolha de como decidir os caminhos de suas próprias vidas.

Nesta modalidade da elaboração do conhecimento, o pesquisador precisa “ir ao campo”, isto é, o pesquisador precisa inserir-se no espaço social coberto pela pesquisa; necessita estar com pessoas e presenciar as relações sociais que os sujeitos-pesquisados vivem. É uma modalidade de pesquisa que se faz *em presença*. Macedo (1998, pág. 4) argumenta que no processo de construção do saber científico a etnopesquisa não considera os sujeitos do estudo um produto descartável de valor meramente militarista. Entende como incontornável a necessidade de construir juntos, traz irremediavelmente e interpretativamente a voz do ator social para o *corpus* empírico analisado e para a própria composição conclusiva do estudo, até porque a linguagem assume aqui um papel constitutivo central. O ator social não fala pela boca da teoria, ele é percebido como estruturante, em meio às estruturas que, em muitos momentos, reflexivamente, o performam.

Assim, o processo de escuta das experiências, dos seus fazeres e hábitos dos catadores são uma imensurável fonte de criação para obras de arte, e estes sujeitos passam a ser modelos e sua própria realidade fonte de conhecimento e inspiração para que Vick possa então em conjunto com os catadores realizar suas obras de arte, utilizando os materiais encontrados no lixão, os saberes acumulados acerca dos materiais para formar imagens incríveis dos trabalhadores locais, transformando suas vidas em arte e assim como a fenomenologia anuncia permitindo a estes sujeitos novos olhares de sua própria realidade.

Portanto, ao falar da Educação de Jovens e Adultos tomando como referência o princípio educativo da emancipação, faz-se preciso pensar o currículo em Eja. Percebendo o quanto é importante se indagar e fundamental entender que um adulto quando entra num processo de aprendizagem ele já vem com uma carga de conhecimento e experiências. Importa dizer que nem sempre essas experiências estão completas e são coerentes, mas a elas sempre deve ser creditado o valor e o significado que cada sujeito dá a elas, entendendo que o valor da experiência vai existir quando se coloque em debate.

Vale destacar que cada sujeito tem um conjunto de conhecimentos como o de: português, matemática, história, geografia que são específicos e acumulados no decorrer do tempo, no entanto é preciso ter o cuidado de não se infantilizar os sujeitos da EJA, pois muitos desses sujeitos trazem consigo uma história de fracasso, de baixa auto-estima e na medida em que se valoriza as experiências do sujeito e valoriza aquilo enquanto conteúdo, conseqüentemente está incentivando e estimulando que aquele sujeito se coloque e se posicione. E ao se sentir sujeito de seu próprio destino e tendo tido suas experiências valorizadas, na medida que passo a ser autor de mim mesmo eu dou autonomia a este sujeito.

No documentário, as imagens retratadas nas fotografias são carregadas de narrativas e histórias de vida. De acordo com Manguel, somos constituídos por imagens, e o autor ainda destaca que “uma imagem dá origem a uma história, que, por sua vez, dá origem a uma imagem” (2001, p.24). Somos então formados por histórias, histórias com imagens, narrativas imagéticas. MANGUEL (2001, p 29) tenta deixar claro que não explicamos as imagens, explicamos comentários a respeito de imagens. Fato evidenciado no documentário, quando os catadores do lixão vão ao Museu de Arte Moderna para a exposição das obras. Ao se verem retratados naquelas telas, eles passam a refletir sobre suas histórias, como eram suas vidas até a chegada de Vik no aterro do Gramacho, e como suas histórias de vidas se transformaram a partir daquela experiência, até então, considerada por eles uma loucura.

Através da auto – imagem Vick possibilita um novo olhar para a realidade de pessoas que vivem em condições críticas de pobreza e saneamento, e também no problema ambiental da disposição de resíduos sólidos. Ao desvelar as imagens os sujeitos mudam a visão de si, do trabalho, das produções cotidianas. O documentário revela como essas pessoas enxergam o mundo, a dignidade e o desespero quando são sugeridos a imaginar suas vidas fora daquele ambiente. Ao fazer uma comparação entre

o filme e o texto “História da Cidadania” de Jaime Pinsky, conclui-se que os trabalhadores do Jardim Gramacho não exercem cidadania plena, pois o acesso aos bens e serviços é restrito. Apesar disso, com a intervenção de Muniz, ocorrem mudanças ideológicas, pois os participantes do projeto passaram a ver o mundo de uma forma mais ampla e perceberam que é possível mudar sua condição de vida e se veem como membros da sociedade.

Ainda no documentário fica comprovado a condição de opressor e oprimido, essa condição de opressão incorpora o recorte de classe social, pois seriam estes grupos os necessitados do sentido de liberdade, autonomia e emancipação, passíveis de conquista pela práxis revolucionária destes sujeitos. Ou seja, quem se liberta são homens e mulheres que, buscando reconstruir seu *ser mais*, dialogam mediatizados pelo mundo, e assim, conhecem e se fazem mais humanos. Desse modo, em Freire a luta por emancipação é perpassada por aspectos como: a confiança nos humanos, a busca pela superação da contradição oprimido/opressor e a constituição de “homens novos”, em relações de liberdade, igualdade e emancipação. E foi essa confiança e poder superação que Vik depositou nos catadores do lixão.

Conforme afirma FEITOZA (2008, p. 43): “Freire acentua a necessidade de uma educação humanizante, circunscrita às sociedades e homens concretos, superadora da alienação e potencializadora da mudança e da libertação social”.

Nessa perspectiva o trabalho idealizado pelo Muniz – e realizado por eles durante o processo de criação – conseguiu resgatar suas dignidades enquanto seres humanos, colocando-os num estado de reflexão sobre suas potencialidades, o que tornou todo o projeto bastante humano e transformador. Para outros, como o Tião, Presidente da Associação de Catadores, o reconhecimento decorrente do projeto traria uma mudança que viria através da transformação social, da melhoria da qualidade vida e das condições de trabalho da categoria, percebe-se então, o processo de emancipação desses sujeitos. A emancipação na perspectiva freireana aparece como grande conquista política a ser efetivada pela práxis humana, na luta constante a favor da libertação das pessoas de suas vidas desumanizadas pela opressão, ou como afirma MOREIRA (2008, p.163):

O processo emancipatório freireano decorre de uma intencionalidade política declarada e assumida por todos aqueles que são comprometidos com a transformação das condições e de situações de vida e existência dos oprimidos, contrariamente ao pessimismo e fatalismo autoritário defendidos pela Pós-modernidade, [...] e ao mecanicismo etapista do

marxismo ortodoxo, que afirma o processo de transformação social como sendo “certo” e “inevitável”.

Sendo assim, é que se insere a relevância do papel da Educação de Jovens e Adultos, para que ela dê conta dessa demanda e desse papel. E, nesse sentido, ela pode vir a se constituir num dos pilares de mudança, ajudando a construir uma sociedade mais justa, mais democrática, na qual os valores coletivos e o compromisso com a promoção da cidadania alcancem a todos. Mas, para isso faz-se necessário a elaboração de um currículo para EJA, que não pode ser construído a partir de modelos pré-estabelecidos ou idealizado. Estamos falando de um processo por meio do qual os sujeitos envolvidos com a prática curricular ressignifiquem suas experiências a partir de redes de saberes e fazeres das quais participam, como verificamos no documentário “Lixo Extraordinário”.

## **6. Considerações Finais**

Por tudo que foi analisado até agora fica patente a necessidade de se rever um currículo para EJA partindo da necessidade do grupo e da realidade onde estão inseridos tendo como perspectiva a emancipação dos sujeitos com uma prática educativa consciente e sistemática.

A necessidade de se repensar uma práxis em sala de aula deve ter como referencial o fazer diário dos educandos, bem como, a ir ao encontro da formação específica para esse grupo a fim de não perderem a objetividade e o conteúdo a ser trabalhado já que este conteúdo deve ser significativo para que haja, realmente, aprendizagens significativas gerando assim emancipação.

O senso comum afirma que as escolas são instituições refratárias às inovações, que as mudanças sociais e de comportamento são incorporadas pelas mesmas apenas depois de já incorporadas pela sociedade. Dentro dessa visão, as escolas são, naturalmente, instituições em descompasso com as mudanças que acontecem ao seu redor e em contrapartida o currículo institucionalizado também fica completamente contrário às necessidades dos alunos, principalmente os de EJA. As dúvidas que pairam sobre “o que ensinar” e “a quem ensinar” cerca a humanidade desde tempos remotos.

Sendo assim, há a necessidade de se propor critérios básicos e necessários para que “o que ensinar” atenda aos anseios de “a quem ensinar”, num conjunto sincronizado e eficiente, voltada para a formação de um cidadão crítico e participativo na sociedade,

que seja capaz de entender o mundo que o cerca, para que, ao invés de simplesmente se acomodar diante das dificuldades e injustiças, ele tenha condições psicológicas, cognoscitivas e espiritual de transformar o que for necessário em nossa sociedade, para uma evolução autossustentável e verdadeiramente igualitária.

## Referências

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. O que é educação. São Paulo: Brasiliense, Coleção Primeiros Passos, 28º ed., 1993.

FEITOZA, Ronney. Movimentos de educação de pessoas jovens e adultas na perspectiva da educação popular no Amazonas: matrizes históricas, marcos conceituais e impactos políticos. Tese (Doutorado) – UFPB, PPGE, João Pessoa, 2008.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

\_\_\_\_\_. Pedagogia do Oprimido. São Paulo: Paz e Terra, 1978.

GADOTTI, Moacir. Concepção dialética da educação: um estudo introdutório – São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1987

JONNAERT, P. *Criar condições para aprender: o socioconstrutivismo na formação de professores*. Porto Alegre: Artmed, 2002.

MACEDO Roberto Sidnei. HERMES RE CONHECIDO. ETNOPESQUISA-CRÍTICA, CURRÍCULO E FORMAÇÃO DOCENTE. Trabalho apresentado no Simpósio "Etnografia e Prática Escolar", UFRN, junho/1998.

MANGUEL, Alberto. Lendo imagens: uma história de amor e ódio. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

MEIRIEU, P. Aprender... sim, mas como? Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

MOREIRA, Carlos E. Emancipação. In: STRECK, Danilo et. al. *Dicionário Paulo Freire*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

NADAI, Elza. A educação como apostolado: histórias e reminiscências (São Paulo 1930 – 1970) 450 p. Tese (livre docência) Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo: São Paulo, 1991.

SADER, Eder. Quando novos personagens entram em cena: experiências e lutas dos trabalhadores da Grande São Paulo, 1970 – 1980. São Paulo: Paz e Terra, 1988.